



Educação: entre teoria e prática

Volume I

Lucas Rodrigues Oliveira
Rosalina E. L. Zuffo
Organizadores



Pantanal Editora

2023

Lucas Rodrigues Oliveira
Rosalina Eufrausino Lustosa Zuffo
Organizadores

Educação: entre teoria e prática
Volume I



Pantanal Editora

2023

Copyright© Pantanal Editora

Editor Chefe: Prof. Dr. Alan Mario Zuffo

Editores Executivos: Prof. Dr. Jorge González Aguilera e Prof. Dr. Bruno Rodrigues de Oliveira

Diagramação: A editora. **Diagramação e Arte:** A editora. **Imagens de capa e contracapa:** Canva.com. **Revisão:** O(s) autor(es), organizador(es) e a editora.

Conselho Editorial

Grau acadêmico e Nome

Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
Profª. MSc. Adriana Flávia Neu
Profª. Dra. Allys Ferrer Dubois
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior
Profª. MSc. Aris Verdecia Peña
Profª. Arisleidis Chapman Verdecia
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva
Prof. Dr. Bruno Gomes de Araújo
Prof. Dr. Caio Cesar Enside de Abreu
Prof. Dr. Carlos Nick
Prof. Dr. Claudio Silveira Maia
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos
Prof. Dr. Cristiano Pereira da Silva
Profª. Ma. Dayse Rodrigues dos Santos
Prof. MSc. David Chacon Alvarez
Prof. Dr. Denis Silva Nogueira
Profª. Dra. Denise Silva Nogueira
Profª. Dra. Dennyura Oliveira Galvão
Prof. Dr. Elias Rocha Gonçalves
Prof. Me. Ernane Rosa Martins
Prof. Dr. Fábio Steiner
Prof. Dr. Fabiano dos Santos Souza
Prof. Dr. Gabriel Andres Tafur Gomez
Prof. Dr. Hebert Hernán Soto Gonzáles
Prof. Dr. Hudson do Vale de Oliveira
Prof. MSc. Javier Revilla Armesto
Prof. MSc. João Camilo Sevilla
Prof. Dr. José Luis Soto Gonzales
Prof. Dr. Julio Cezar Uzinski
Prof. MSc. Lucas R. Oliveira
Profª. Dra. Keyla Christina Almeida Portela
Prof. Dr. Leandro Argentel-Martínez
Profª. MSc. Lidiene Jaqueline de Souza Costa Marchesan
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann
Prof. MSc. Marcos Pisarski Júnior
Prof. Dr. Marcos Pereira dos Santos
Prof. Dr. Mario Rodrigo Esparza Mantilla
Profª. MSc. Mary Jose Almeida Pereira
Profª. MSc. Núbia Flávia Oliveira Mendes
Profª. MSc. Nila Luciana Vilhena Madureira
Profª. Dra. Patrícia Maurer
Profª. Dra. Queila Pahim da Silva
Prof. Dr. Rafael Chapman Auty
Prof. Dr. Rafael Felipe Ratke
Prof. Dr. Raphael Reis da Silva
Prof. Dr. Renato Jaqueto Goes
Prof. Dr. Ricardo Alves de Araújo (*In Memoriam*)
Profª. Dra. Sylvana Karla da Silva de Lemos Santos
MSc. Tayronne de Almeida Rodrigues
Prof. Dr. Wéverson Lima Fonseca
Prof. MSc. Wesclen Vilar Nogueira
Profª. Dra. Yilan Fung Boix
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme

Instituição

OAB/PB
Mun. Faxinal Soturno e Tupanciretã
UO (Cuba)
IF SUDESTE MG
Facultad de Medicina (Cuba)
ISCM (Cuba)
UFESSPA
UEA
UNEMAT
UFV
AJES
UFGD
UEMS
IFPA
UNICENTRO
IFMT
UFMG
URCA
ISEPAM-FAETEC
IFG
UEMS
UFF
(Colômbia)
UNAM (Peru)
IFRR
UCG (México)
Rede Municipal de Niterói (RJ)
UNMSM (Peru)
UFMT
SED Mato Grosso do Sul
IFPR
Tec-NM (México)
Consultório em Santa Maria
UFJF
UEG
FAQ
UNAM (Peru)
SEDUC/PA
IFB
IFPA
UNIPAMPA
IFB
UO (Cuba)
UFMS
UFPI
UFG
UEMA
IFB
UFPI
FURG
UO (Cuba)
UFT

Conselho Técnico Científico
- Esp. Joacir Mário Zuffo Júnior
- Esp. Maurício Amormino Júnior
- Lda. Rosalina Eufrausino Lustosa Zuffo

Ficha Catalográfica

Catálogo na publicação
Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

E24

Educação: entre teoria e prática - Volume I / Organizadores Lucas Rodrigues Oliveira, Rosalina Eufrausino Lustosa Zuffo. – Nova Xavantina-MT: Pantanal, 2023.
73p. ; il.

Livro em PDF

ISBN 978-65-85756-18-1

DOI <https://doi.org/10.46420/9786585756181>

1. Educação. 2. Leitura. I. Oliveira, Lucas Rodrigues (Organizador). II. Zuffo, Rosalina Eufrausino Lustosa (Organizadora). III. Título.

CDD 370

Índice para catálogo sistemático

I. Educação



Nossos e-books são de acesso público e gratuito e seu download e compartilhamento são permitidos, mas solicitamos que sejam dados os devidos créditos à Pantanal Editora e também aos organizadores e autores. Entretanto, não é permitida a utilização dos e-books para fins comerciais, exceto com autorização expressa dos autores com a concordância da Pantanal Editora.

Pantanal Editora

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000.
Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil.
Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp).
<https://www.editorapantanal.com.br>
contato@editorapantanal.com.br

Apresentação

O livro “Educação: entre a teoria e a prática” surge para acrescentar conhecimentos, discussões e reflexões no campo educacional (que está em constante transformação – como reflexo da sociedade contemporânea). Esse primeiro volume é composto por sete capítulos, cujos objetos de análise perpassam por vários aspectos educacionais:

O primeiro capítulo dessa obra, “Educação sanitária em escolas do município de Raposa-MA: uma experiência extensionista durante a pandemia de COVID-19”, reflete sobre como os conceitos básicos de saúde e prevenção de doenças ainda são desconhecidos por vários estudantes no contexto escolar.

Intitulado “Educação e economia: entre a teoria e a prática”, o segundo capítulo busca compreender como os aspectos fundamentais da economia podem influenciar o educacional, além de observar e analisar as relações mais amplas do processo educativo.

O terceiro capítulo, “Desafios no aprendizado da leitura olhares dos alunos e professores do 5º ano do ensino fundamental”, analisa as maneiras (métodos estratégias) que a escola utiliza no ensino e as maneiras que as crianças aprendem a ler.

“Pesquisa Qualitativa em Educação e Educação Matemática: entrelaçamentos que fortalecem a prática investigativa” é o título do quarto capítulo desse livro. Esse texto busca compreender os processos matemáticos envolvidos em situações de ensino e aprendizagem, observando que eles são impulsionadores de diversas pesquisas no meio acadêmico, em função da necessidade de melhoria desses processos

Em “A experimentação no ensino de biologia na reorientação conceitual e aprendizado significativo”, tem-se uma análise e reflexão sobre o ensino de biologia, observando-se a relevância das atividades práticas, em contextos reais.

O capítulo seis, evidencia um estudo muito relevante no campo educacional brasileiro: a inclusão de pessoas deficientes. Com o título: “Escolarização e inclusão de aluna com deficiência intelectual em turma regular após ensino remoto”, evidencia-se a real necessidade da inclusão escolar, a fim de propiciar desenvolvimento a todos os alunos.

Já o sétimo e último capítulo trata de um problema muito comum nas práticas escolares: “Dificuldades de leitura e interpretação de texto”. A autora aponta, nesse importante texto, quais são os possíveis fatores que levam os estudantes a carregarem os problemas relacionados à leitura e interpretação textual.

Lucas Rodrigues Oliveira

Sumário

Apresentação	4
Capítulo I	6
Educação sanitária em escolas do município de Raposa-MA: uma experiência extensionista durante a pandemia de COVID-19	6
Capítulo II	16
Educação e economia: entre a teoria e a prática I	16
Capítulo III	22
Desafios no aprendizado da leitura olhares dos alunos e professores do 5º ano do ensino fundamental	22
Capítulo IV	31
Pesquisa Qualitativa em Educação e Educação Matemática: entrelaçamentos que fortalecem a prática investigativa	31
Capítulo V	41
A experimentação no ensino de biologia na reorientação conceitual e aprendizado significativo	41
Capítulo VI	48
Escolarização e inclusão de aluna com deficiência intelectual em turma regular após ensino remoto	48
Capítulo VII	57
Dificuldades de leitura e interpretação de texto	57
Índice Remissivo	72
Sobre o organizador	73

Educação e economia: entre a teoria e a prática I

Recebido em: 13/10/2023

Aceito em: 28/10/2023

 10.46420/9786585756181cap2

Oscar Edgardo Navarro Escobar¹ 

INTRODUÇÃO

As sociedades democráticas consideram uma importância fundamental ao aprimoramento do conhecimento nos espaços de ensino, a educação teve e têm um papel imprescindível não apenas na atualização do saber como na preparação das exigências sociais. Há diversas realidades que compõe a contemporaneidade, Três fenômenos marcam este tempo: Avanços significativos dos países latino-americanos na consolidação de governos com democracias populares mais representativas², crise do Estado-Providência nos países das economias centrais e a internacionalização dos processos educacionais.

Nos países da América latina, desde finais da década de 1980, com o começo da redemocratização e o fim de alguns regimes militares, também os setores educacionais realizaram reformas educativas a fim de atender as demandas da população e da necessidade de uma reestruturação produtiva desta nova configuração do Estado, todavia, este contexto representará um período de intenso debate para a reconfiguração da educação como um todo. Estes esforços terão, no entanto, diferentes destinos dos planejados pelas associações e sindicatos dos representantes da educação. A sociedade não encontra um porto seguro para transformar a concretização de suas aspirações, as forças políticas das velhas elites econômicas apresentaram um relativo poder de dominação.

É exatamente por essa razão que, neste quadro social a educação não pode estar imune a este processo econômico. Na atualidade é muito claro que o elemento fundamental para a caracterização da educação é a hegemonia do capital sobre está. É no âmbito da educação superior e nas outras esferas educativas que se verificou o maior impacto dessas políticas internacionais, pois, independente dos países, são aplicadas reformas estruturais para oferecer um amplo dinamismo ao capita global. Passou-se a privilegiar um conhecimento direcionado às necessidades do mercado, onde as “competências” possam ser úteis aos ganhos de produtividade.

Por conseguinte, diante das sombrias perspectivas econômicas, não é provável que o financiamento público destinado à educação como um todo aumente no mesmo ritmo em que os salários

¹ Pesquisador e professor adjunto – Universidade Estadual de Ponta Grossa. ID: 8384203832319653

² Na atualidade as classes dominantes da América Latina têm investido em boicotar (com relativo êxito) estes governos mais progressistas, inclusive com o surgimento de “golpes parlamentares”, colocando para a sociedade projetos políticos derrotados nas urnas, o caso mais ilustrativo é a situação de Brasil em 2016.

são depredados pela inflação nestas décadas. Em países da América Latina, por razões de ordem política e social os governos têm-se comprometido com políticas expansionistas, principalmente, orientados a atender à crescente demanda de ensino em todos os graus educacionais, sem considerar os recursos necessários para este fim, o que tem produzido uma realidade de precariedade nas condições de trabalho, principalmente, daqueles que se encontram relacionados ao trabalho didático-pedagógico.

Devemos reconhecer, entretanto que, o sistema capitalista não inventou a opressão, a exploração, os regimes autoritários, antes dele, as sociedades procuraram novas formas de organizar-se, embora fossem reprimidas com ilimitada brutalidade, as mudanças aconteceram inexoravelmente, assim, a própria história entrega exemplos de superação e de profundos avanços nas manifestações da sociabilidade humana. O último cenário em corrigir os males sociais, que resultam da relação trabalho capital; está sendo assegurados por reformas que agravam ainda mais o problema³, em outras palavras:

O desenvolvimento do Estado de Bem-Estar foi a última manifestação dessa lógica, que só se tornou viável em um número restrito de países. Ele foi limitado pelas *condições favoráveis* de expansão capitalista nos países envolvidos, pré-condição para o surgimento do Estado de Bem-Estar, como pela escala de tempo, marcada ao fim pela pressão da “direita radical” em torno da completa liquidação desse Estado, nas três últimas décadas, em razão da crise estrutural generalizada do sistema do capital (Mészáros, 2007, p. 123, grifo do autor).

Portanto, ao trazer a discussão para nosso campo, estamos numa verdadeira encruzilhada, a sociedade não deixa o novo nascer, considerá-lo como uma impossibilidade, uma contradição que não procede. Nos encontramos num cenário na qual o fator da educação, da ciência e da cultura sofrem profundos cortes da parte do governo federal; por exemplo, na Lei Orçamentária Anual (2021), o Ministério da Educação foi a segunda pasta com mais cortes para essa área, restringindo em mais de oitocentos milhões. Além disso, os cortes anunciados para a área da ciência terão uma redução mais de quatrocentos milhões de reais, para instituições vinculadas à educação como a CAPES, esta perderá mais de 33 milhões para financiar pesquisa e projetos, a FIOCRUZ terá menos de 7,5 milhões e, assim por diante. Certamente, esta situação gerará enormes prejuízos para a sociedade como um todo. De um plano superior de análise, o que assistimos é um desmonte significativo de benefícios sociais em favor de setores econômicos financeiros.

O sistema social hegemônico sofre uma acentuada e prolongada crise, a novidade ímpar, é que ela não se apresenta em termos locais, mais esse declínio envolve todas as sociedades, todos os países, sem distinção de nacionalidade. É exatamente por essa razão, que as políticas nacionais⁴ acabaram sendo anuladas e afetou profundamente os processos de ensino, as políticas educacionais a nível planetário, em outras palavras: “A nossa época de crise estrutural global do capital é também uma época histórica de

³ Uma questão basilar na economia política é: “A força de trabalho é o elemento constitutivo do processo de produção e, como tem preço, é também elemento constitutivo do custo de produção. Como o trabalho humano entra na composição dos custos todos os meios de produção e de todos os produtos finais, ele é na verdade o principal elemento para a determinação dos preços das mercadorias” (Pomar, 1991. P. 156).

⁴ “Por outro lado, graças à aprovação da PEC 55 (atual Emenda Constitucional nº 98), que estabelece teto de gastos para gastos sociais do governo até 2025, o Orçamento do Ministério da Educação já se encontra reduzido, passando dos atuais 18% da arrecadação para apenas 10%” (Gadelha, 2017, p. 171).

transição de uma ordem social existente para outra, qualitativamente diferente” (Mészáros, 2008. p. 76, grifos do autor). Por conta disso, este período de transição requer um trabalho coletivo complexo, pois, por experiências históricas, as sociedades instituídas procuram reformas tímidas e ilusórias, pois seus interesses são distintos.

De modo totalmente distinto daquilo que a literatura ideologizada procura difundir, esta não é uma crise do setor imobiliário, nem muito menos de falta de crédito ou muito menos da falta de liquidez, etc. Além do mais, ela já não pode ser administrada com procedimentos tradicionais, ajustes fiscais, “responsabilidade fiscal”, políticas monetárias, estruturais, entre outras. Ela é uma extraordinária acumulação de capitais por grupos restritos e a impossibilidade de valorizá-los na área produtiva, portanto, a retirada do Estado da esfera econômica, as privatizações e a desregulamentação, resulta num meio de desobstruir o livre mercado das necessidades sociais, são os elementos necessários à esta crise.

O problema que esta situação leva às sociedades, aos povos a um retrocesso inimaginável, outrora nunca vivido. A falta de recursos públicos, como não poderia deixar de ser, é um claro indicativo de crise dos sistemas educacionais, tanto público, quanto os sistemas privados, pois, esta realidade não é um caso acidental.

Por conseguinte, nosso tempo se tem caracterizado por uma permanente instabilidade social, política e econômica, a constante inflação deprecia os salários dos trabalhadores e trabalhadoras em todos os âmbitos dos círculos sociais e das esferas econômicas. Os recursos dos Estados, em volumes significativos, são destinados aos grandes conglomerados financeiros com a intenção de “saldar as dívidas”⁵ e “honrar compromissos” o que agravam os índices de desempregos.

Desse modo, como não poderia deixar de ser, os campos educacionais também encontra-se numa esfera de crise, contraditoriamente, devido a sua internacionalização se vê cada vez mais afetada em virtude do papel que ela desempenha socialmente, os setores educativos são forçados a declinar em benefício de interesses privados, desviando-se assim das atribuições que o coletivo lhe delegou, como fonte privilegiada e produtora de conhecimento para o desenvolvimento de sociedades mais democrática e justas; seu papel transita numa escala sempre conflitiva e contraditória.

Com base nessas colocações, podemos auferir que os problemas não se esgotam na crise, muito pelo contrário, representam o embaraço e a incapacidade de reorganizar as relações humanas dentro das próprias relações que a produzem. Portanto:

Nossa contingência histórica dada é o que ativa os limites estruturais insuperáveis – absolutos – do capital. São limites estruturais absolutos do sistema do capital que se tornam determinações destrutivas inclinadas a obstruir o futuro da humanidade. Nessa conjuntura da história, o capital não pode, sob nenhum aspecto, ser diferente do que efetivamente é (Mészáros, 2007, p. 26, grifo do autor).

⁵ É oportuno esclarecer que, segundo a Comissão da Auditoria Cidadã, em 2005, durante o governo de Lula, foi amplamente propagandeado o resgate antecipado ao FMI, no valor de US\$ 15,5 bilhões. Ao contrário do que se fez pensar, tal pagamento não significou a extinção do endividamento externo, que alcançou US\$ 404 bilhões em dezembro de 2011. Hoje essa dívida (aos bancos nacionais e estrangeiros) consome quase a metade do PIB brasileiro.

A extraordinária expansão especulativa do empreendedorismo financeiro, sobretudo nas últimas décadas do século XXI, fez um aprofundamento da crise nos setores da construção e indústrias com a absoluta indiferença do campo produtivo da atividade econômica. A rudeza vai se tornando cada vez mais inalterável e através da ideologização este problema social é transformado numa tribulação quase natural. Em outras palavras:

Pois o liberalismo sempre fechou os olhos para o fato embaraçoso de que uma melhoria significativa visando uma sociedade equitativa só pode resultar de uma mudança fundamental na estrutura da própria *produção*. Isso não poderia ser de outra forma, porque a esfera da distribuição foi *estruturalmente determinada* pelo deslocamento inalterável da classe do trabalho até uma posição necessariamente subordinada na sociedade, dada a alocação legitimada pelo Estado e protegida pela força dos meios de produção para a classe constituída pela personificação do capital (Mészáros, 2015, p. 25, grifo do autor).

No sistema atual de produção⁶, o trabalho humano assume a forma de uma mercadoria, que pode ser trocada por outra mercadoria (dinheiro), assim, essa forma de trabalho possui a peculiaridade única de produzir um excedente a mais, o mesmo é apropriado por aquele que a comprou, e assim, obter nas trocas mercantis, o denominado lucro. Eis o segredo da valorização do capital. Deve ser observado, até o momento presente, todo lucro (mais-valor) surge exclusivamente pela criação do trabalho humano, não existe outra fonte que crie um valor aumentado na produção. Por conta disso, as fontes de produção existem em todas as sociedades, entretanto, não é possível afirmar que os lucros, salários, preços, rendas, entre outros, são acontecimentos que surgiram historicamente com o aparecimento da sociedade capitalista.

Nada mais indicado para recordar nesta parte do trabalho que, a educação, os processos de ensino, os métodos pedagógicos e as práticas educativas não são uma realidade externa, alheia ou autônoma que possuem uma vivência própria, mas expressam uma relação social mediatizada pelas relações sociais de trabalho e, exatamente por essa razão, uma prática social que se produz em aliança com as demais esferas que compõem a sociabilidade humana. Segundo essa visão de análise, a esfera educacional não pode ser compreendida ou estudada se for retirada de seu contexto social ou da sociedade que a gera, que possibilita a sua existência. Portanto, compreende-se que a educação faz parte da divisão social do trabalho e expressa de forma genuína os conflitos e as contradições que dinamizam a produção burguesa do capital. Por conta disso, podemos constatar que:

O homem comum e corrente considera-se a si mesmo como verdadeiro homem prático: é ele quem vive e atua praticamente. Dentro de seu mundo, as coisas não apenas são e existem em si, como também são e existem, sobretudo, pela sua significação prática, enquanto satisfazem necessidades imediatas de sua vida cotidiana. Mas essa significação prática apresenta-se a ele como imanente às coisas, isto é, apresentando-se nelas, independente dos atos humanos que lhes conferem tal significação. As coisas não apenas são conhecidas em si, à margem de toda atividade humana. (...) O ponto de vista da consciência comum coincide, neste aspecto, com o da produção capitalista (Vázquez, 2011, p.35).

⁶ O predomínio do capital especulativo na atualidade, tem gerado situações extremadamente difíceis para a sociedade, pois, a promoção de um desemprego persistente, salários diminuídos pela inflação, o Píbe consome 50% do trabalho social somente para amortizar a dívida externa do país. O capital especulativo (fictício) é aquele utilizado para operações de lucubração.

A educação e a economia caminham juntas, uma pode influenciar a outra, porém, é na esfera econômica que se deve procurar as orientações que a educação vai tomando enquanto formador de sujeitos e cidadãos que procuram uma transformação viável e compatível com todo o desenvolvimento que foi possível acumular ao longo das gerações pretéritas. O futuro será definido com aquilo que nós podemos fazer do presente. Examinando as coisas mais de perto, podemos observar que o caminho da educação recorda de certo modo o caminho de desenvolvimento dos aspectos econômicos que uma sociedade determina num período, como também evidenciam o desenvolvimento no indivíduo.

Foi levantado que as relações de trabalho correspondem a uma forma alienada na produção, em decorrência desse fato, a educação passa por essa questão, porém, a sociedade não é monolítica, imutável, perene, etc., muito pelo contrário, está encontra-se numa constante mutação, assim, pode-se auferir que constantemente ocorrem essas transformações que vão alterando os processos sociais injustos e antidemocráticos.

Como o trabalhador e a trabalhadora ocupam uma posição privilegiada na produção, suas funções lhe impedem desenvolver as suas potencialidades humanas, uma vez que enfrente um período exaustivo de trabalho contínuo e ao término de sua jornada não estão interessados em seu retorno. Em consequência, a educação está eivado por essa mesma situação, os indivíduos não se encontram interessados nas consequências de sua atividade de trabalho, por exemplo, no âmbito educacional, em muitas situações, os trabalhos escolares são produzidos tendo como objetivo primordial uma avaliação que possibilite aos formando avançar na sua disciplina, convertendo-se assim o processo pedagógico numa mera formalidade.

O trabalho alienado é visto como uma atividade que irá a satisfazer uma mera necessidade de vida, a realização subjetiva fica frustrada pelo esforço colocado nessas atividades produtivas. Todavia, devemos lembrar, que a alienação é produzida pela forma como os indivíduos se relacionam com os meios de produção, estes ao estar em posse privada derivam todas suas consequenciais, pois, as relações produtivas são coletivas, logo, se estabelece uma contradição insuperável. Por isto, pode-se afirmar que: “A atividade produtiva é então a fonte da consciência, é a “consciência” alienada” é o reflexo da atividade alienada ou da alienação da atividade, isto é, da auto-alienação do trabalho” (Mészáros, 2006, p. 80). Assim, a alienação se apresenta como uma relação social entre os indivíduos que são proprietário dos meios de trabalho e os indivíduos não proprietários, estes últimos, se submetem à execução de um trabalho que não oferece um retorno criador, pelo contrário, passa a negar a sua existência, há um desconforto contínuo. Para se alterar essa relação existente, afirma Lessa (1996), é necessária uma prática social que vise a subverter essa relação alienada, em outras palavras:

Isso significa que o gênero humano, ao se desenvolver, desenvolve também a sua auto-consciência, o seu ser-para-sí. Sem a fixação pela consciência dos resultados alcançados a cada momento pelo desenvolvimento da humanidade, esse desenvolvimento sequer poderia ser imaginado. (...) O devir-humano dos homens se consubstancia na constituição, historicamente determinada, de um gênero humano cada vez mais socialmente articulado e portador de uma

consciência crescente genérica. E o impulso detonador desse processo é a tendência à generalização inerente ao trabalho (Lessa, 1996, p. 60-66).

Isto posto, as transformações sociais, no entanto, não vêm de uma legislação ou de uma reforma isolada, mas sim de ações políticas diretas da classe que na realidade procuram modificar uma situação que lhe é totalmente contrária a seus interesses. Até muito recentemente, acreditava-se que as mudanças sempre viriam de pessoas privilegiadas ou daqueles que tinham um certo destaque social, a história mostrou que essas iniciativas pioraram a situação. Assim, o presente oferece pouco espaço para a benevolência ou para o habilidoso altruísta. Nosso dever, bem como a ordem social da qual fazemos parte, depende principalmente de uma prática distinta à existente: seu exame será o assunto do próximo artigo que segue.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este pequeno trabalho buscou compreender como os aspectos fundamentais da economia impactam e determinam o domínio do campo educacional, analisando as relações mais amplas que geram este processo podem elucidar-se os rumos que podem claramente desencadear transformações ou retrocessos sociais. As últimas décadas estes problemas definiram avanços e recuos significativos em todos as dinâmicas sociais, o que torna vital para os processos educacionais a crítica aos modelos oficiais existentes.

A educação cumpre um papel fundamental nas relações humanas de formação, é necessário, pois, um processo de aprendizagem que traga à luz as contradições que tem a realidade moderna, somente dessa forma, podem ser apontadas as soluções que permitam a solução dos mesmos, principalmente, os recursos econômicos básicos para a projeção de uma realidade diferente da atual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Fine, B., & Saad, F. A. (2021). O capital de Marx. Tradução: Bruno Hofig, [et al]. Editora: Contracorrente, São Paulo.
- Gadelha, R. M. F. (2017). Educação no Brasil: Desafios e Crise Institucional, In: Revista Pesquisa & Debate. São Paulo. 28(1), 51.
- Lessa, S. (1996). A Ontologia de Lukács. Editora: EDUFAL. Maceió.
- Mézsáros, I. (2007). O desafio e o fardo do tempo histórico. Boitempo. São Paulo.
- Mézsáros, I. (2008). Educação para além do capital. Trad. Iza Tavares. 2ª ed. São Paulo.
- Mézsáros, I. (2015). A montanha que devemos conquistar. Tradução de Maria Izabel Lagoa... [et al.]. 1ª ed. São Paulo: Boitempo.
- Pomar, W. (1991). A miragem do mercado. 1ª ed. Editora: Página Aberta Ltda. São Paulo.
- Vázquez, A. S. (2011). Filosofia da práxis. Trad. Maria Encarnación Moya. 2ª Ed. Editora: Expressão Popular, Brasil.

Índice Remissivo

B

biologia, 4, 41, 43, 44, 47, 50, 54

C

COVID-19, 4, 6, 7, 8, 15, 47
currículo, 13, 48, 50, 53, 60, 61

D

deficiência intelectual, 4, 48, 49, 50, 54, 55, 56

E

economia, 4, 16, 17, 20, 21, 62
educação, 6, 7
 em saúde, 6, 11, 13, 15
 Matemática, 31, 32, 36, 37, 38, 39
ensino
 fundamental, 4, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15,
 22, 23, 28, 70
 remoto, 4, 43, 48, 50
estudo de caso, 32, 34, 35, 38
experimentação, 4, 41, 42, 46, 47

I

inclusão, 4, 48, 49, 55, 56
interpretação de texto, 4, 23, 57, 58, 70

L

leitura, 4, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 57, 58,
 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70,
 71
literatura, 18, 34, 60, 61, 67

P

pesquisa, 17, 29, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38,
 39, 40, 49, 69, 75
 em Educação, 32, 36

R

Raposa-MA, 4, 6, 7
reforma, 21

Sobre os organizadores



  **Lucas Rodrigues Oliveira**

Mestre em Educação pela UEMS, Especialista em Literatura Brasileira. Graduado em Letras - Habilitação Português/Inglês pela UEMS. Atuou nos projetos de pesquisa: Imagens indígenas pelo “outro” na música brasileira, Ficção e História em Avante, soldados: para trás, e ENEM, Livro Didático e Legislação Educacional: A Questão da Literatura. Diretor das Escolas Municipais do Campo (2017-2018). Coordenador pedagógico do Projeto Música e Arte (2019). Atualmente é professor de Língua Portuguesa no município de Chapadão do Sul e na Secretaria de Educação Estadual de MS. Contato: lucasrodrigues_oliveira@hotmail.com.



 **Rosalina Eufrausino Lustosa Zuffo**

Pedagoga, graduada em Pedagogia (2020) na Faculdades Integradas de Cassilândia (FIC). Estudante de Especialização em Alfabetização e Letramento na Universidade Cathedral (UniCathedral). É editora Técnico-Científico da Pantanal Editora. Contato: rlustosa@hotmail.com.br



Pantanal Editora

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000
Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil
Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp)
<https://www.editorapantanal.com.br>
contato@editorapantanal.com.br